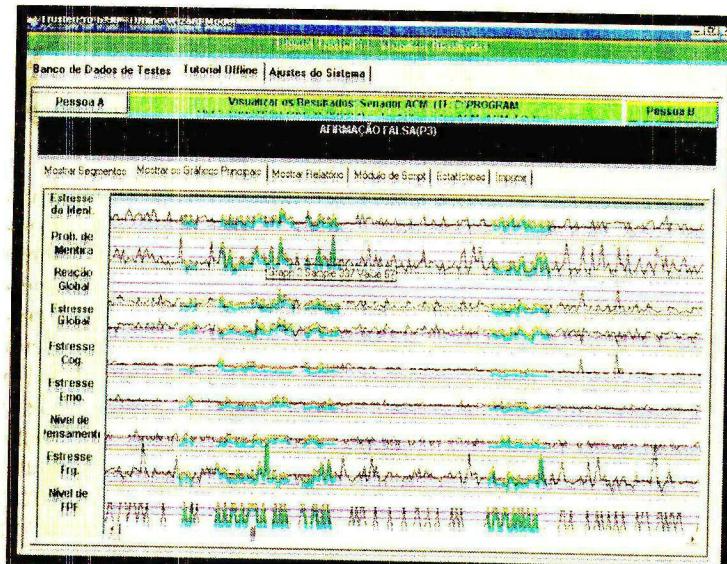




SENADO EM CRÍSE

Programa de computador israelense constata que Antonio Carlos Magalhães não falou a verdade em alguns trechos do seu depoimento diante do Conselho de Ética. Mas a Justiça não reconhece o exame como prova



O TRUSTER REVELA COM OSCILAÇÕES EM NEGRITO O MOMENTO DA MENTIRA

Detector de mentira em ação

Leonardo Cavalcanti
Pedro Paulo Rezende
Da equipe do **Correio**

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) mentiu no momento crucial do depoimento sobre o episódio da violação do painel eletrônico. A falsa declaração foi flagrada pelo programa israelense de computador *Truster*, que apontou deslizes nas afirmações do político baiano sobre sua participação no pedido da lista de votos da cassação de Luiz Estevão (PMDB-DF).

Na primeira vez que o ex-presidente do Senado garantiu não ter pedido "direta ou indiretamente" a lista de votação, o *Truster* acusou a mentira. "O sistema apontou a mentira no início do discurso, quando houve variação do estresse da voz", afirma Mauro Nadvorny, diretor da *Truster Brasil*, que distribui o produto. Ele monitorou o depoimento de Antonio Carlos ao conectar o programa a um aparelho de TV que transmitia a sessão.

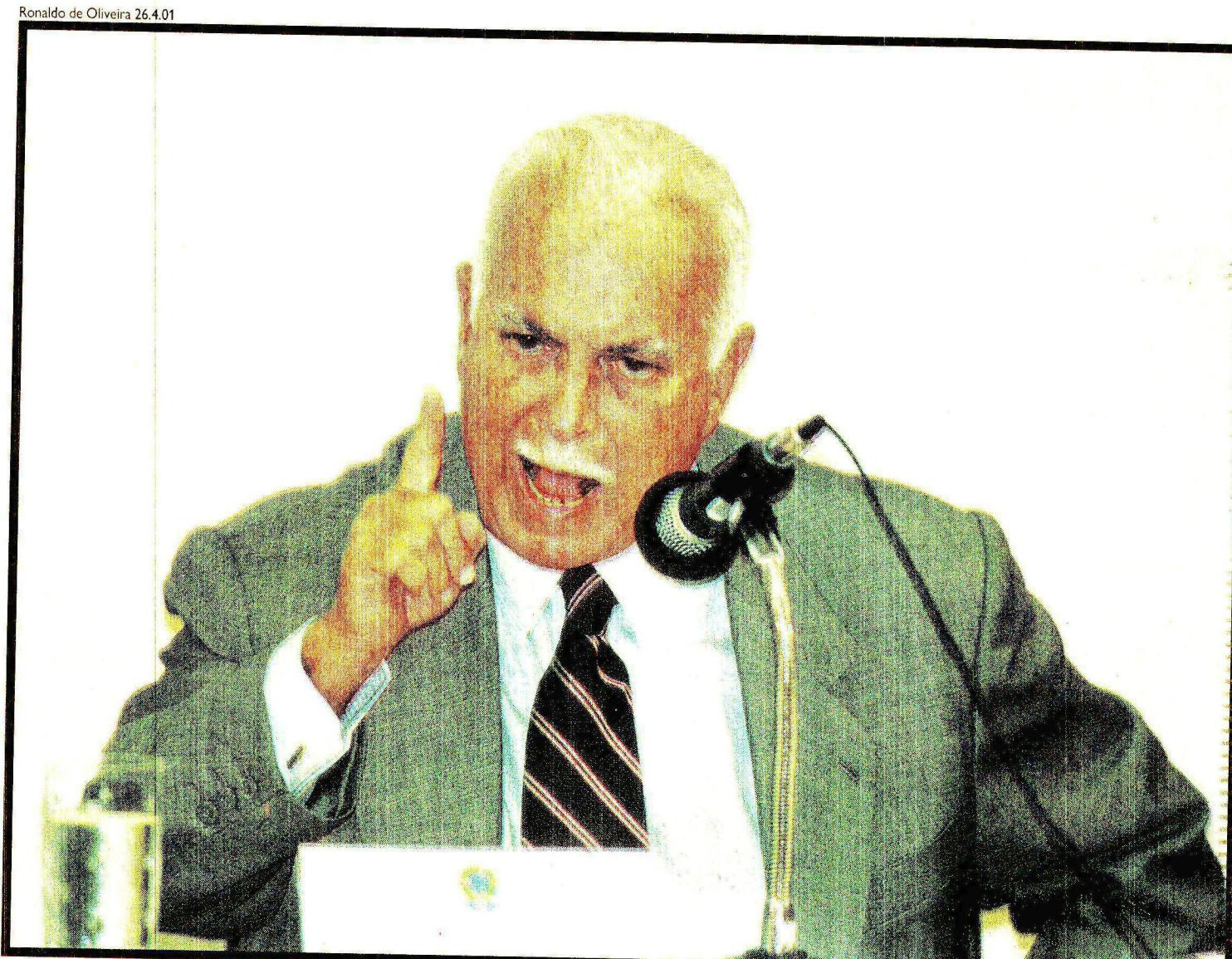
O *Truster* analisa as variações de voz do interlocutor e, assim, determina se está dizendo verdades ou mentiras. No caso de

Antonio Carlos, a frequência da sua voz sofreu modificações contundentes (veja a imagem acima) no primeiro momento em que falava sobre a sua participação no pedido de violação do painel. "Isso revela alterações psicológicas e o programa conclui que ele está mentindo."

Antonio Carlos, entretanto, não foi pego na mentira sozinho. Além do discurso do baiano, o equipamento monitorou outros dois depoimentos: do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) e de Regina Borges, ex-diretora do Centro de Informática e Processamento de Dados do Senado (Prodasen). Arruda, inclusive, mentiu, segundo o sistema, em trecho idêntico ao de Antonio Carlos.

Na última segunda (23), Arruda garantiu: "É preciso ficar claro que eu não pedi (...) que ela (Regina Borges) obtivesse a lista. Apenas consultei-lhe se isto acontecia." Arruda, pela avaliação do programa, também mentiu quando afirmou que a ex-diretora do Prodasen ficou nervosa com a indagação sobre a possibilidade de violação do painel.

Regina Borges, segundo o *Truster*, mentiu no seu depoimento



ACM DIANTE DO CONSELHO DE ÉTICA DISSE QUE NUNCA PEDIU "DIRETA OU INDIRETAMENTE" A LISTA: O PROGRAMA ACUSOU QUE NÃO ERA VERDADE

mento da última quinta-feira (19). O programa revelou que ela deu uma declaração falsa quando disse que o Prodasen sabe lidar com informações sigilosas e que sempre soube a maneira séria como Antonio Carlos a tratava.

No depoimento de ontem, o senador baiano estava falando a verdade, segundo o sistema, quando disse que rasgou a lista e quando afirmou que pensou no Senado no momento em que resolveu não divulgar o resultado da votação.

LEI NÃO APROVA

A lei brasileira não reconhece os testes realizados por nenhum sistema de detecção de mentiras como prova ou evidência. Os resultados dos testes do *Truster* podem variar devido a determinadas características pessoais. E os resultados produzidos podem estar errados se o operador não souber ajustar o programa a partir de uma declaração totalmente verdadeira do interrogado. O programa transforma um computador comum em polígrafo.

Pouco comum nas investigações brasileiras por não servir como prova, o polígrafo, tam-

bém conhecido como detector de mentiras, conecta o entrevistado simultaneamente a uma série de sensores que medem a pressão sanguínea, transpiração, pulso e velocidade de respiração. O *Truster* evita toda essa parafernália. Para descobrir uma mentira, o sistema detecta uma onda sonora distorcida (veja memória).

O **Correio** procurou dois peritos das polícias Civil e Federal para comentar as investigações a partir de um polígrafo. Os dois concordaram na possibilidade de falha do equipamento, mas disseram que os estudos têm evoluído, a ponto de ajudar nas investigações. "Ele não serve como prova por não ter 100% de acerto", disse o policial civil.

A primeira vez que o *Truster* foi usado na área política foi em 1998 nas eleições israelenses para primeiro-ministro. Ele mediou o desempenho do candidato conservador Benjamin Netanyahu, que concorria à reeleição, e do trabalhista Ehud Barak. Esse último, segundo o programa, era mais sincero em seu desejo de estabelecer um acordo de paz com os palestinos e terminou eleito.

No ano passado, Martin Lewis, um repórter da revista norte-americana *Time*, usou o programa israelense para medir a veracidade das declarações à presidência dos Estados Unidos num dos debates entre os candidatos George W. Bush, do Partido Republicano, e Al Gore, vice-presidente e candidato democrata.

Lewis, especialista em informática da *Time*, usou a versão comercial, que custa apenas US\$ 160. Segundo ele, o programa afirmou que Gore estava mais nervoso no debate, com um nível de estresse de até 44%, contra um máximo de 38% de Bush. O candidato republicano, de acordo com o *Truster*, mentiu mais vezes (57 contra 23 de Gore), foi mais impreciso (14 contra 9) e manipulou mais (4 contra 3).

No Brasil, o *Truster* foi utilizado no debate entre Marta Suplicy (PT) e Paulo Maluf (PPB) durante a campanha eleitoral para a Prefeitura de São Paulo. O resultado foi devastador, segundo o software. A petista, que venceu o pleito, mentiu apenas uma vez enquanto Maluf praticamente nada disse de verdadeiro durante todo o encontro.